



## UM CASO “ESPECIAL”: A PERSONAGEM “DORINHA” DA TURMA DA MÔNICA

*Edna Fontana<sup>1</sup>*

*Faculdade Integrado de Campo Mourão*

*Fabiola Elisa Araújo<sup>2</sup>*

*Faculdade Integrado de Campo Mourão*

### RESUMO

Sabe-se que a leitura de Histórias em Quadrinhos (HQs) é uma alternativa para muitos leitores contemporâneos. E no Brasil, um dos principais incentivadores das HQs é Maurício de Souza, pois, além de representar personagens diversos, representa também o mundo dos “especiais”, ou seja, personagens com deficiências, que neste estudo serão abordados como “especiais” devido ao próprio autor utilizar esse termo quando faz referência aos mesmos. Pensando na Literatura Infantil e associando-a com o desenvolvimento da leitura e da escrita, e focando para a inclusão, o presente artigo tem por objetivo fazer um estudo da personagem Dorinha na narrativa da Turma da Mônica, com o intuito de analisar sua representação enquanto personagem “especial” que vive e interage com crianças ditas “normais”. Assim, a partir dessa análise, pode-se observar como a literatura, em especial a Infantil trabalha a questão da inclusão da pessoa com deficiência em suas narrativas. Para tanto, o estudo tem como suporte teórico a Estética da Recepção descrita por Hans Robert Jauss, na Alemanha, década de 60.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; Recepção; Personagens “especiais”.

### ABSTRACT

It is known that the reading of HQs (comics) is an alternative to many contemporary readers. And in Brazil, a major incentive for HQs and Mauricio de Souza, who, besides representing various characters, is also the world of "special", people with disabilities, that this study will be addressed as "special", due to the fact that the author used this term when referring to them. Thinking in Children's Literature and associating it with the development of reading and writing, and focusing for the inclusion, this article aims to make a study of character in the narrative of Class of Monica in order to examine its representation as character "special" that lives and interacts with children called "normal." Thus, from this analysis, one can observe how the literature works the issue of inclusion of disabled people in their narratives. Thus, the study has theoretical support as the Aesthetics of Reception described by Hans Robert Jauss, Germany, the 60's.

**KEY WORDS:** Representation; Reception; Characters "special".

## INTRODUÇÃO

Alteridade, anormalidade, heterogeneidade, diferença, diversidade e identidade têm sido algumas das expressões mais usadas nos últimos tempos dentro dos discursos acadêmicos, escolares e jornalísticos, frequentemente associadas a nomeações de atitudes ora desejáveis ora abomináveis no âmbito social: discriminação, rejeição, desprezo e intolerância, ao lado da tolerância, aceitação, fraternidade, igualdade, emponderamento, entre outros. Dado que a educação não está separada das tendências de seu tempo e dos grupos em que opera, entende-se que também ela esteja sendo permeada por tais preocupações, apesar da diversidade de tendências e entendimentos das diferenças.

Nesse sentido, a literatura infanto-juvenil não ficou imune, tradicionalmente “personagens diferentes” já integram o conjunto de personagens que habitam algumas de suas histórias (Patinho Feio, de Andersen, por exemplo). Na última década, uma preocupação mais aguçada com a formação da criança para conhecer e aceitar o “diferente” vem trazendo uma proliferação de títulos dentro de várias vertentes da temática. Surgem outros personagens como Dumbo, o elefantinho de orelhas grandes, Nemo, o peixinho sem uma nadadeira, entre outros. Um exemplo clássico de personagem “diferente” que percorre a história da literatura é o Quasimodo, de Vitor Hugo. Tal personagem é um homem de feições e membros deformados, porém sensível às manifestações da beleza em todas as suas nuances. Alguém que sofre muito por sua imposta solidão. É uma marca e representação da dificuldade para aceitar alguém ou algo muito diferente.

Fazendo uso das palavras de Cirne (1974, p.3) vemos que, para melhor representar o universo literário e a presença de personagens com deficiência, têm-se as histórias em quadrinhos, que “enquanto literatura gráfico-visual, possuem mecanismos intrínsecos que permitem uma abordagem de sua narrativa capaz de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor”.

Sendo assim, em virtude do grande interesse de crianças e adultos pela Turma da Mônica de Maurício de Souza, e por ele ser o criador de tantos personagens diferentes, é que este estudo se realiza, pois “os personagens da Turma da Mônica

representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular.” (VERGUEIRO, 2006, p.5).

Assim, o estudo objetiva discutir as representações da personagem “Dorinha” da Revista Turma da Mônica, enquanto personagem “especial”. Como aporte teórico o trabalho conta com a Estética da Recepção descrita por Hans Robert Jauss, na Alemanha, década de 60. Logo, a partir dessa análise, pode-se observar como a literatura trabalha a questão da inclusão da pessoa (personagem) com deficiência em suas narrativas.

Como as obras de Maurício de Sousa são muitas, para efeito desse estudo, serão utilizadas algumas tirinhas da edição de número 221 de outubro de 2004, intitulada “Dorinha a Nova Amiguinha”. A Revista Turma da Mônica foi escolhida, pelo fato de ser conhecida por muitos leitores, e também por apresentar personagens que vão ao alcance e agradam todo o público, sendo ele, infantil ou não. Dorinha representa a deficiência e na narrativa aparece como uma pessoa que aceita e convive normalmente com sua limitação.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E OS PERSONAGENS “ESPECIAIS”**

Embora pouco percebido, já é grande o acervo de livros infanto-juvenis brasileiros que trazem em seu contexto assuntos ligados às deficiências. Essas obras têm sido objeto de muito estudo da Psicologia Social, pois repassam preconceitos e estereótipos para a mente em formação da criança, mesmo de forma inconsciente.

Segundo Silveira (2002), a Literatura Infanto-Juvenil brasileira ficou durante algum tempo limitada à produção de Monteiro Lobato, ou servindo a professores e alunos, por meio das fontes clássicas universais, como as fábulas, os apólogos, os contos maravilhosos. Sua revalorização apareceu mesmo na década de 70, quando aconteceu, talvez, a maior dinamização e renovação do mercado editorial, destacando trabalhos que podem ser considerados pequenas obras-primas e passando a ocupar um lugar de destaque no espaço da Literatura Brasileira.

Partindo de sua nova realidade, as obras infanto-juvenis se ramificaram por todos os caminhos da atividade humana. Passou-se a valorizar as aventuras, as realidades cotidianas, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, dentre outros.

Ainda citando Silveira (2002), dentre todo o universo das personagens da Literatura Infanto-juvenil, formou-se um grupo bem significativo de personagens que quase sempre passou despercebido por nós, mas hoje é motivo de muitos estudos e discussões de estudiosos da área de Educação Especial e Literatura Infantil: as personagens que representam as deficiências e as diferenças, a vida e a realidade de seus portadores, como o Quasimodo, Nemo, Patinho Feio, Dumbo, Charlotte entre outros.

No cenário brasileiro, Amaral (2002) em sua tese de doutorado analisou 47 histórias da literatura infanto-juvenil escritas por autores brasileiros entre os anos de 70 e 90, com personagem significativamente diferente no aspecto corporal. A partir dessa análise, a autora afirma que para analisar e criar um personagem com deficiência, são necessários três eixos básicos: a gênese da deficiência; o status do personagem (vítima, herói ou vilão; presença constante de sentimentos de tristeza, desgosto, solidão, conformismo, desamparo, desesperança; presença de características nitidamente compensatórias; presença de atitudes e ações condenáveis do ponto de vista da moral vigente) e o desfecho da história (eliminação ou não da diferença ou do diferente, pela “cura” ou normalização).

Assim, pode-se perceber que, apesar da diversidade de estilos das obras e de formas de apresentação dos personagens “diferentes”, em algumas dimensões eles coincidem, pois, predomina uma forma naturalística de referência à gênese das diferenças.

Como exemplo disso, toma-se a literatura de Maurício de Souza. Sua narrativa apresenta diversos personagens, mostrando que cada um pode viver igualmente, em uma sociedade inclusa e exclusiva. Segundo ele, os personagens com deficiência foram criados para exercitar a cidadania e o respeito pelo próximo. Por entender que se pode educar por meio das histórias em quadrinhos, decidiu aumentar a Turma. Os novos integrantes ensinam muita coisa, principalmente na área do relacionamento humano.

É válido destacar que a presença de pessoas (personagens) com deficiência sem ressaltar a deficiência e sim suas potencialidades e capacidades, nas revistas em quadrinhos e nas novelas, reforçam muito positivamente a questão da diversidade humana, presente em todos os ambientes, infantis e adultos.

A seguir, o presente trabalho apresentará considerações acerca de Maurício de Sousa e a Turma da Mônica.

Maurício de Sousa é um dos mais famosos cartunistas do Brasil, criador da "Turma da Mônica". Filho de Antônio Maurício de Sousa (poeta e barbeiro) e de Petronilha Araújo de Sousa (poetisa), Maurício de Sousa começou a desenhar cartazes e ilustrações para rádios e jornais de Mogi das Cruzes, onde viveu. Procurou emprego em São Paulo, como desenhista, mas só conseguiu uma vaga de repórter policial na Folha da Manhã. Passou cinco anos escrevendo esse tipo de reportagem, que ilustrava com desenhos bem aceitos pelos leitores e começou a desenhar histórias em quadrinhos em 1959, quando uma história do Bidu, seu primeiro personagem foi aprovada pelo jornal.

Pai de dez filhos, além de criar personagens inspirados em seus amigos de infância, Maurício sempre criou personagens com base em seus filhos, tais como: Mônica, Magali, Marina, Maria Cebolinha, Nimbus e Do Contra, personagens constituintes da Turma da Mônica.

Segundo Gurgell (2002, p.10) a Turma da Mônica é o maior dos grupos de personagens criados por ele, possuindo ainda uma série de mini-grupos, nos quais os personagens passam por várias peripécias cotidianas. A Turma da Mônica, ou turminha, mora em um bairro de São Paulo, o Bairro do Limoeiro. É um local com muito verde, com um campinho onde os meninos brincam, e um lixão que Cascão visitava (não vai mais lá, pois o lixão dá muitas doenças). Mônica se auto-intitula a "dona da rua" (título que Cebolinha tenta usurpar com "planos infalíveis").

É válido conhecermos também sobre os principais personagens da Turma da Mônica que de acordo com Gurgell são:

Mônica, a dentuça é a personagem mais conhecida de Maurício de Sousa. Representa uma menina forte, decidida, que não leva desaforo para casa, mas, ao mesmo tempo, tem momentos de feminilidade e poesia. Tem os dentes grandes e por isso é chamada de dentuça pelos colegas.

Cebolinha, o fala “elado”, um garoto de cabelos espetados que, quando fala, troca o “R” pelo “L”.

Cascão, o sujinho, Cascão nasceu em 1961, baseado nas recordações de infância do próprio Maurício.

Magali, a comilona, é uma das criações mais simpáticas e conhecidas da turma, por ter um apetite exagerado. Mas apesar desse apetite todo, Magali é elegante e feminina.

Chico Bento, é o chamado de caipira, pois possui um vocabulário diferente dos colegas. É um personagem que adora a vida no sítio (GURGELL, 2002, p.11)

Com relação às obras de Maurício de Sousa, pode-se perceber que são repletas de temas sociais, culturais, socioeconômicos, etc. A obra é muito extensa. Portanto, sem um recorte prévio sobre os temas a serem estudados, seria inviável de imediato abordá-la de forma ampla e considerável, a propósito do objetivo traçado para tal.

É válido destacar aqui, a importância de trabalhar com HQs, principalmente as histórias de Maurício de Sousa, visto que as mesmas apresentam em sua estrutura a linguagem verbal e não-verbal o que auxilia no desenvolvimento da leitura e da escrita, levando a um aprofundamento da compreensão do enredo. E nas leituras em questão, Maurício de Sousa consegue aliar personagens do cotidiano a personagens que possuem limitações, mostrando que todos podem interagir e viver igualmente.

Na sequência, o referido artigo fará a exposição teórica sobre a Estética da Recepção e a personagem Dorinha, da Turma da Mônica. Para tanto, o artigo teve como aporte teórico, para análise da personagem, a Estética da Recepção, de Miriam Fajardo (2007), uma estudiosa da teoria de Hans Robert Jauss (1994).

## 2.2 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A PERSONAGEM DORINHA

Segundo Miriam Fajardo (2007, p.1), a Estética da Recepção é a teoria da literatura formulada por Hans Robert Jauss e seus colegas da Escola de Constança, no final da década de 60, que retoma a problemática da história da literatura, particularmente da representação e da recepção dos personagens. Para o autor, Jauss, a estética da recepção toma como objeto de investigação o receptor (1994). Isso exige dela a construção de uma nova concepção de leitor que assume seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o conhecimento histórico: o papel de destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa.

A recepção, segundo Fajardo (apud Jauss, 1994, p.1), é compreendida como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento de sua produção como de sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, considerando assim o leitor como um elemento também textualmente marcante na obra literária. Logo, privilegiar a recepção representa conceber o texto literário como um fato que não se limita à dimensão estética, pois também considera o social.

A Estética da Recepção, de acordo com Mesquita (2006, p. 4), considera a literatura um sistema que se define por produção, recepção e comunicação, tecendo uma relação dialética entre autor, obra e leitor. Destaca que o ato de leitura tem uma perspectiva dupla na dinâmica da relação obra e projeção. Interessa-se pelas condições sócio-históricas que formularam as diversas interpretações que o texto ficcional recebeu, e assinala que o discurso literário é o resultado de um processo de recepção ao mover a pluralidade destas estruturas de sentidos historicamente mediadas.

Logo, fazendo referência a Maurício de Sousa e suas narrativas, confirma-se a premissa de que a leitura conduz a uma práxis concreta, sustentados na correlação existente entre as práticas de leitura de um povo e seu desenvolvimento material e social.

Pensando nas narrativas literárias, as histórias em quadrinhos, em especial a de Maurício de Sousa, enquanto literatura gráfico-visual, possuem mecanismos intrínsecos que permitem uma abordagem de sua narrativa como capaz de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor. Elas apresentam, segundo Fajardo (2007, p.3) “um público especial: a criança”.

De acordo com Mesquita:

A mensagem lingüística da história em quadrinhos compreende um aspecto narrativo, no qual é feita a descrição do quadro, da situação ou das ações e a forma de diálogo. Este último, apresentado no estilo direto, tenta, muitas vezes, imitar a língua falada. Entretanto, as características específicas da língua falada impossibilitam uma transcrição fiel para o diálogo escrito, que irá lançar mão de diferentes recursos e procedimentos especiais, criando uma linguagem carregada de convenções, que explora com originalidade os códigos verbais e visuais específicos inerentes a esse tipo de narrativa, tais como: o balão, símbolos (ideogramas e pictogramas), sinais de pontuação e as onomatopéias. (MESQUITA, 2006, p.7)

É imprescindível que a obra (no caso deste estudo, as HQs), segundo Fajardo (apud Zilberman, 1989), disponha dos mais variados temas e assuntos, atentando o autor, apenas, para a capacidade de compreensão do leitor, em virtude de que o mesmo se encontra num processo de amadurecimento, o que não significa ter uma visão redutora e preconceituosa, mas uma postura de respeito ao ritmo do leitor, dando-lhe assim, a oportunidade de dialogar com os referenciais encontrados no texto.

Nesse sentido, Maurício de Sousa aborda em suas narrativas temas como amor, fantasia, realidade, sonho, desejos, emoções, dúvidas e inclusão, trabalhadas de maneira conscientizadora e humanística, pensando sempre em seu público e em suas ações perante os enredos.

Na narrativa da Turma da Mônica, Maurício de Sousa, após criar diversos personagens, que foram conceituados pela história, decide trazer para o seu público, personagens, que segundo o próprio autor “estão na moda”. Esses personagens fazem parte de um grupo de pessoas com deficiência. São eles: uma garotinha chamada Dorinha que não enxerga, porém interage com todo o grupo, um garoto, Luca, ou Da Roda, deficiente físico, que vive e brinca com as crianças sem preocupar-se com sua limitação, um menino chamado Humberto, que não fala, mas vive as maiores aventuras com a turma, a garotinha Tati com Síndrome de Down, André, o menino autista, Almir, outro deficiente físico e Marina, a superdotada que adora desenhar.

Com relação à Turma da Mônica, segundo Gurgell:

O criador da Turma da Mônica, Maurício de Sousa, decidiu abordar a inclusão em seus quadrinhos para mostrar que as crianças portadoras de necessidades especiais têm a mesma capacidade de aprender, sentir e brincar como as outras. No Brasil, as crianças com *deficiência* são segregadas. Nos quadrinhos elas são capazes, tanto que a Dorinha participa das aventuras como qualquer outro personagem, afirma o desenhista (GURGELL, 2002, p.6)

Na Turma da Mônica, a personagem Dorinha convive com os colegas fazendo uso do olfato e dos ruídos, logo, segundo Cirne:



O ruído nos quadrinhos, muitas vezes, é mais visual do que sonoro, pois os desenhistas exploram a espessura, a forma, a cor dos fonemas que o constituem a fim de conseguirem um efeito expressivo maior. Uma boa onomatopéia é de vital importância nas histórias em quadrinhos, pois atinge, juntamente com a imagem, uma grande área de significação, criando efeitos expressivos de consumo rápido e intensa comunicação (CIRNE, 1974, p.3)

Para Dorinha, o ruído é uma das formas de comunicação, de identificação do outro, de interação. É por isso que logo quando chega ao “Bairro do Limoeiro” onde a turminha está brincando, sua primeira manifestação é identificar Mônica por meio do som, ou seja, nesse caso, por meio da fala.

Assim, pode-se afirmar que a Turma da Mônica apresenta dois caminhos: de um lado, os personagens “diferentes” que nunca foram notados pelo público por suas diferenças, e por outro, os personagens “deficientes”, que, logo de início, foram notados por suas “deficiências”.

Logo, segundo Mesquita (2006), a Turma da Mônica é um universo ficcional quadrinizado em que domina o humor. Seus personagens vivem enredos em que ficam evidenciadas suas fragilidades como criaturas em processo de crescimento. Mônica, a líder de um grupo de crianças com idade de 8 a 10 anos, aproximadamente, é dominadora e atrai para si frequente sentimento de hostilidade. Cascão resiste bravamente à civilizada prática do banho. Magali se orienta pela gula. Cebolinha, constante vítima do poder de Mônica, expõe ao mundo sua dislalia (distúrbio que apresenta troca de fonemas na fala). Cada qual com sua imperfeição, os personagens dessa turma vivem histórias em que fica sedimentado o conceito aristotélico, de que na comédia o homem se apresenta em condição desfavorável.

Entre esses personagens, Dorinha é uma simpática menina que demonstra lidar muito bem com sua deficiência visual. Utiliza bengala dobrável e está sempre acompanhada de seu cão-guia Radar. Com a audição, tato e olfato muito apurados, sabe reconhecer com precisão as reações de seus amigos. Dorinha aparece em sua primeira historinha com roupas fashion, corte de cabelo moderno, óculos escuros e com uma bengalinha na mão. Extrovertida, ela logo faz amizade com a turma e decide brincar com os novos amigos, surpreendendo todos com sua capacidade de sentir o mundo através do tato, da audição e do olfato.

Para Zilberman (1989), as histórias destinadas principalmente ao público infantil devem visar aos interesses do leitor, sempre considerando o seu nível de compreensão da realidade, para que a forma selecionada atinja as suas expectativas recepcionais. As narrativas, nesse sentido, devem constituir-se de enredos, cujo desenvolvimento apresenta uma linearidade (começo, meio e fim). Logo, Maurício de Sousa, direta ou indiretamente, mostra uma realidade apreendida e significada pela obra, caracterizada não apenas pela simplicidade, mas pelo percurso que vai desde o personagem comum, marcado pela sociedade, até o personagem diferente, conhecido, porém pouco representado.

### 3 UM CASO “ESPECIAL”: A PERSONAGEM “DORINHA”

Aguiar e Bordini (1993), remetem a introdução da criança nas narrativas infantis, afirmando que sua presença é recente, visto que, anterior à criação da literatura infantil já havia um universo ficcional repleto de *personas* como fadas e seres místicos. É somente na metade da Segunda Guerra Mundial que as crianças deixam de representar personagens secundárias e passam a figurar como heróis, é o caso do personagem Luca, de Maurício de Sousa, um menino deficiente físico que chega para representar uma realidade jamais vivenciada pelas crianças do bairro e pelos leitores em geral.

A introdução da criança como protagonista, de acordo com Zilberman:

Provocou alterações na estrutura da história, porque a ação se tornou contemporânea ou datada, proporcionando à crianças ver-se representada ou simbolizada na ficção, cujo desdobramento apresenta o embate entre o mundo do heróis e dos adultos (ZILBERMAN, 1987, p.34).

É exatamente nesse ponto que a personagem Dorinha se faz presente, surgindo como uma representação de tantas “deficiências”, que são demonstradas, discutidas e analisadas na teoria, mas dificilmente colocadas em prática. A primeira história de Dorinha, ilustrada na edição nº 221, da revista Mônica, de novembro de 2004, mostra a maneira positiva como essa personagem e o seu cão-guia Radar entram em contato pela primeira vez com a Turma da Mônica.

Dorinha logo estabelece ótimas relações de amizade com Mônica, Cebolinha, Cascão, Marina e Magali. A menina mostra estar bem resolvida com a “limitação” que possui (cegueira). Sabe andar com o cão-guia e com a bengala dobrável, assim como sabe lidar com as reações das pessoas. Em sua primeira aparição, Dorinha faz amizade com Mônica, dizendo conhecê-la, mostra-se uma menina simpática e nem um pouco tímida. Apresenta seu cachorro, Radar, informando a nova amiga que ele a ajuda em tudo o que precisa. Percebe-se que ela não conta a princípio que é deficiente visual, talvez para não assustar a nova amiga.

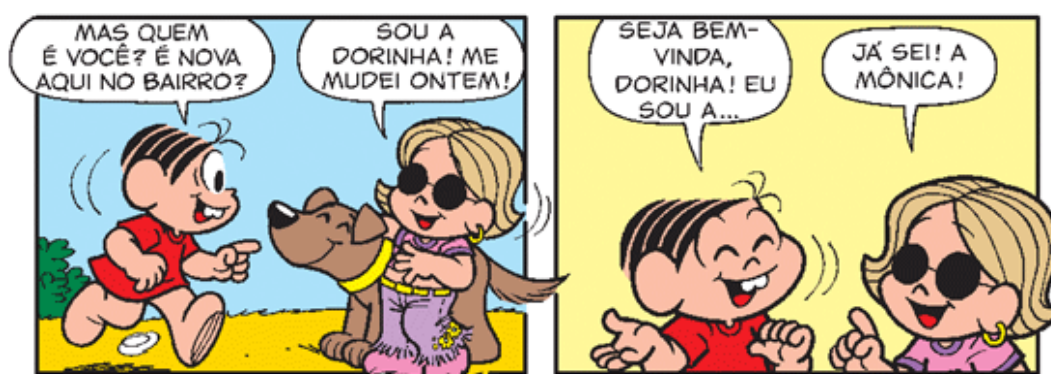


FIGURA 1 – Monica conhece Dorinha

FONTE: Turma da Monica, 2009, disponível em: <http://www.monica.com/comics/turma.htm>

Podemos, nesse caso, fazer referência a Aguiar e Bordini (1993) que salientam a importância de relacionar leitor e realidade, ou seja, aproximar ao máximo o leitor da realidade que está estampada na narrativa. É nesse ponto que a literatura, enquanto humanizadora, tem pecado, pois, deixa a desejar quando o assunto é a inclusão e permanência de personagens com necessidades especiais nas narrativas, não como vilões ou heróis, mas como pessoas com possibilidades de interação.

Dorinha é a marca desse exemplo, pois, de bom humor e autoconfiante, ela está com seus sentidos de audição, tato e olfato sempre conectados com tudo o que ocorre no ambiente em seu entorno. As situações focalizadas são simples e, por meio delas, o leitor percebe que Dorinha mostra suas habilidades com naturalidade, sem ostentação, ou seja, não é a “coitadinha”, ou “a que incomoda”, é a menina que ensina e participa de todas as brincadeiras como qualquer criança de sua idade, dita “normal”.



FIGURA 2 – Dorinha apresenta Radar, seu cão guia.

FONTE: Turma da Mônica, 2009, disponível em: <http://www.monica.com/comics/turma.htm>

Na condição de criança, Dorinha é apresentada como igual às outras crianças. Na condição de deficiente visual, a imagem de Dorinha é positiva, digna, simpática. Não há uma desigualdade entre as meninas (Mônica e Dorinha), há, na verdade, o que a Fajardo (apud Jauss, 1994), chama de “estrita ligação” entre os personagens, ou seja, são crianças que gostam de brincar, têm hábitos semelhantes e interagem com o grupo.

É interessante atentar como a personagem é recebida pelos novos colegas e como ela explica sua limitação, afirmando que não é deficiente, mas que é uma criança que enxerga de maneira diferente, jamais impedida de participar e interagir com os colegas.



FIGURA 3 – Apresentação de Dorinha à Turma

FONTE: Turma da Mônica, 2009, disponível em: <http://www.monica.com/comics/turma.html>



FIGURA 4 - Dorinha explica sua deficiência (cegueira)

FONTE: Turma da Monica, 2009, disponível em: <http://www.monica.com/comics/turma.htm>

Para Mesquista (2006), o problema da recepção é muito amplo: abarca a problemática da leitura e o efeito dessa leitura no receptor. Logo, Dorinha, não é problema ao se apresentar ao público, pois além de ser uma garotinha como as outras (veste-se igual, gosta das mesmas coisas) ela não reclama de sua dificuldade de enxergar e faz disso uma lição para as outras crianças.

Dorinha faz parte das personagens que provocam indagações no leitor, pois, segundo Fajardo (apud Jauss, 1994), o efeito causado pela “simplicidade” da personagem provoca a interação do indivíduo com o texto fazendo com que o sujeito conheça e até se reconheça no outro, rompendo assim o seu individualismo e, conseqüentemente, promovendo a ampliação dos seus horizontes proporcionados pela obra literária. E Dorinha faz questão de participar das brincadeiras, deixando Mônica sem entender quando pede para participar do “Jogo da Cabra Cega” e quer tapar os olhos, “afinal é uma brincadeira”



FIGURA 5 - Dorinha interage naturalmente com as situações

FONTE: Turma da Monica, 2009, disponível em: <http://www.monica.com/comics/turma.htm>

Percebe-se que Dorinha é decidida e mostra ao leitor suas capacidades. Maurício de Sousa, talvez nem tenha percebido que criou uma personagem que agrada o público em geral, por ser simples e capaz de mostrar, principalmente ao público infantil, que uma criança com dificuldade de enxergar ou com qualquer outra limitação pode e deve conviver com as crianças ditas normais. Com essa personagem de Maurício de Sousa é possível trabalhar a inclusão com as crianças, por meio de suas histórias desde a primeira série já que a Turma da Mônica é tão conhecida pelas crianças e proporciona uma leitura prazerosa.

Isto posto, a configuração textual que rege a obra permite que a criança leitora, em cumplicidade com as experiências idealizadas pelo escritor, possa aventurar-se na conquista de novos espaços e de novos tempos; de espaços e de tempos ainda não vividos e unicamente, reservados à atividade da fantasia e da imaginação, porque a autorrealidade, criada pela escrita artística, ao não conhecer mais limites do que os derivados da sua própria codificação, oferece a dupla opção de transmutar o irreal em real ou de desrealizar a realidade para vivê-la novamente.

#### **4 CONCLUSÃO**

A Estética da Recepção é o instrumental teórico adequado para fundamentar a partir de conceito de recepção, horizonte de expectativas, distância estética e lógica da pergunta e da resposta. Com a análise das narrativas infantis, em especial da Turma da Mônica, a fim de compreender o processo de recepção e representação da personagem com deficiência, tendo como base o leitor, ou seja, com base os conceitos selecionados da estética da recepção, é possível delinear o horizonte de expectativas de crianças de diferentes classes sociais, raças, religião, em contexto escolar, familiar e social, uma vez que a tarefa da teoria recepcional, segundo Zilbermam (1989), é a reconstrução desse horizonte, objetivando explicitar a relação da obra literária com o seu público.

Uma importante chave na teoria da recepção é aquela que define a estrutura apelativa do texto: a linguagem não cobra textualidade até ao momento em que é lida. O significado é um efeito para ser experimentado e não um mero objeto para ser definido. Para que o significado se comporte como susceptível de ser realmente

experimentado, isto é, para que se produza a desejável cooperação leitor/texto, é necessária a configuração apelativa da escrita, caso contrário, não se daria a possibilidade semântica de que o leitor gere significados próprios e múltiplos.

Logo, para melhor explicar a recepção dos textos, principalmente pelo público infantil, têm-se as histórias em quadrinhos que enquanto literatura gráfico-visual, possuem mecanismos intrínsecos que permitem uma abordagem de sua narrativa como capaz de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do jovem leitor. Os quadrinhos, ao se mostrarem como um novo tipo de literatura, sofrem influência de tradição literária. Em algumas histórias, autores como Maurício de Sousa, fazem referência a outras histórias ou a contos tradicionais, recriando-os ou recontando-os, em outros, trazem personagens que a sociedade intitula “diferente”, ou seja, a pessoa com deficiência, como a garota Dorinha, criada por Maurício de Sousa.

Esses personagens, de Maurício de Sousa, chegam ao público como uma referência à Inclusão, ou seja, são crianças com “necessidades especiais” (deficiência) que interagem, brincam, divertem-se e são felizes convivendo com crianças “ditas normais”. As crianças intituladas pela sociedade como “normais”, porém, também convivem com algumas limitações, é o caso da Mônica que é chamada de dentuça pelos colegas, Cebolinha que possui dislalia, Magali, a comilona, Cascão, o sujinho.

Por fim, este trabalho não esgota a possibilidade de estudos que relacionam literatura, sociedade ou contemporaneidade, porém, pretende de modo objetivo, apresentar um breve estudo sobre a aceitação do “especial” na literatura infantil e sua relação com o leitor que é capaz de interagir e reduzir as diferenças para uma melhor convivência.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de, BORDINI Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

AMARAL, Lúcia Assumpção. **Pela voz da literatura, pensando preconceitos em relação à diferença.** Leituras compartilhadas. Leia Brasil, Programa de Leitura. Disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/pdf\\_Acesso](http://cienciaecultura.bvs.br/pdf_Acesso) em 12 fev, 2009.

CIRNE, Moacyr. **A explosão criativa dos quadrinhos.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

FAJARDO, Miriam. **Estética da Recepção: A Literatura na Perspectiva do Leitor.** Disponível em: <http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/Est%C3%A9tica-da-Recp>. Acesso em 28 abr, 2009.

GURGELL, Maria Rosa. **Turma da Monica em Quadrinhos: Uma aventura prá La de divertida.** Disponível em <http://wikipedia./wiki/turmadamonica>. Acesso em 12 fev, 2009.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Ática, 1994.

LUIS, José. **Dicionário informal da fala.** Disponível em <http://www.dicionarioinformail.com.br>. Acesso em 19 dez, 2009.

MESQUISTA, Armindo. **A Estética da Recepção na Literatura Infantil.** São Paulo: Ática, 2006,

MÔNICA, Turma da. **Turma da Mônica em Quadrinhos.** Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/turma.htm> Acesso em 23 mar, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Nas Tramas da Literatura Infantil: Olhares sobre Personagens "Diferentes".** Rio Grande do Sul: Mercado de Letras, 2002.  
VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: **Como usar as Histórias em Quadrinho na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil e o leitor.** São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Estética da Recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.



## NOTA

---

<sup>1</sup> Especialização em Educação Especial pela Faculdade Integrado de Campo Mourão (2009), Graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão - Fecilcam (2007). Professora de Língua Portuguesa do Programa CIB - Centro Interdisciplinar de Base.

<sup>2</sup> Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2004), Graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão - Fecilcam (1988). Professora da Faculdade Integrado de Campo Mourão.

*Enviado: 03/06/2009*

*Aceito: 04/11/2009*

*Publicado: 13/12/2011*